



## **Flecha de ferro não mata anta. Materialidades vegetais, animais e metálicas nas armas Karitiana<sup>1</sup>**

Felipe Vander Velden<sup>2</sup>

### **Resumo**

Um arraigado senso comum sobre o que usualmente se denomina cultura material entre povos indígenas alcançados pela conquista costuma sugerir uma rápida substituição de vários objetos nativos produzidos a partir de matérias-primas de origem animal, vegetal ou mineral por instrumentos feitos de metal. Essa substituição geralmente se explica pela *eficácia* – o metal seria tecnicamente superior, mais durável, resistente e eficiente do que outros materiais na execução das mesmas tarefas ou de tarefas análogas – e pela *abundância* – o metal, em suas variadas formas, barato e produzido em massa pela civilização ocidental, levaria os artefatos indígenas à obsolescência, dada sua ubiquidade, preço baixo e acesso relativamente fácil. Não obstante, pesquisas dedicadas aos detalhes desses processos de “substituição” de objetos indígenas demonstram que podem ser mais complexos e menos unidirecionais do que o cenário em que o metal se impõe ou é imposto. A partir das flechas Karitiana no norte de Rondônia, pretendo discutir os determinantes que parecem estar envolvidos nas escolhas entre o metal, de um lado, e matérias-primas locais, como ossos ou bambu, de outro, para a fabricação de armas. Meus dados sugerem que diferentes materiais usados na confecção das pontas de flechas funcionam de modos distintos no abate das presas de caça. Nesse sentido, mais do que substituir prontamente as matérias-primas tradicionalmente empregadas, o metal torna-se mais um elemento no interior do conjunto disponível para seleção e uso baseados em critérios variados, nos quais a avaliação da eficácia e da abundância seguem outras diretrizes.

Palavras-chave: Metal, Flechas, Karitiana, Tecnologia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IX ReACT – Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, realizada em Goiânia em novembro de 2023. Meus agradecimentos a Clarisse Jabur pelo auxílio com este texto. A pesquisa que deu origem ao material aqui discutido contou com financiamento da FAPESP (Auxílio Regular – Processo 2020/055077-0), a quem também agradeço.

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: fvander@ufscar.br.

## **Introdução**

A extrema dependência e confiança que as sociedades industriais modernas apresentam em relação aos diversos metais (sobretudo ferro, cobre, alumínio, estanho, chumbo, zinco e manganês, além de ligas como o bronze e o aço) nos dispõem a acreditar que sua ausência – a carência das ciências e artes da metalurgia, especialmente do ferro e do aço – constitui um dos índices mais seguros de primitivismo e atraso: “a falta de ferro” e o fato de que “não usavam nenhum metal” aparece entre os indícios fortes do “atrazo social” dos povos indígenas no Brasil, segundo o arrazoado de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854, p. xv-xvii), por exemplo. Não é à toa que as fases da evolução humana foram definidas pelo arqueólogo dinamarquês Christian Jürgensen Thomsen, ainda em 1820, a partir do controle dos materiais que vai da pedra (e de outros materiais orgânicos, como madeira e osso) ao ferro, passando pelo bronze, no assim chamado “sistema das três idades”<sup>3</sup>, de cunho claramente evolucionista (Miller Jr., 2019). E isso, largamente, se mede pela eficiência das armas, sejam de caça ou de combate: armas de ferro seriam mais eficientes e mortíferas do que aquelas feitas de bronze, e estas, por sua vez, mais eficazes do que as feitas simplesmente com pedras trabalhadas. As origens do mundo moderno e civilizado estariam, deste modo, profundamente ligadas ao controle dos metais e ao seu cada vez mais intenso intercâmbio sobretudo através da Eurásia (Goody, 2012). O cúmulo desse suposto processo de desenvolvimento tecnológico humano, contudo, encontra-se certamente no aço, sem o qual o próprio capitalismo e a civilização que ele criou parecem ser impensáveis e com o qual a Europa teria alcançado o ápice ao conquistar o mundo “a ferro (e aço) e fogo” (Diamond, 1999).

As terras baixas da América do sul são há tempos caracterizadas, entre outras coisas, pela ausência de uma genuína metalurgia, ou seja, de um conjunto de procedimentos e técnicas para extração, fabricação, fundição e tratamento dos metais e suas ligas. Não que o conhecimento e o uso de certos metais (como o ouro, a prata e o cobre), trabalhados de formas variadas a partir, por exemplo, do martelamento, fossem desconhecidos nesta região; estes, contudo, foram empregados, em pequenas quantidades e apenas por certos povos, especialmente na fabricação de ornamentos como braceletes,

---

<sup>3</sup> Às vezes acrescenta-se uma idade do cobre antes da idade do bronze – e é óbvio que a noção de “idade” aqui corrobora a ideia de um gradual, progressivo e unidirecional desenvolvimento ou crescimento do conhecimento humano.

pingentes ou brincos (Bray, 1997; Combès, 2008). Até onde se sabe, armas – pontas de flecha, de dardos ou de lanças, por exemplo – e ferramentas de trabalho – como facas, facões, machados, enxadas – jamais foram confeccionados com metais antes do advento do intercâmbio com os invasores europeus portadores desses novos e aparentemente maravilhosos objetos. Operar-se-ia, então, uma verdadeira “revolução tecnológica” (Denevan, 2010), com os povos indígenas de certa forma deixando a idade da pedra (e da madeira e do osso) e adentrando, de modo um tanto abrupto, na idade do ferro<sup>4</sup>.

Desta forma, supõe-se – tomando-se a ideia de que a adoção, uso (e controle) do metal constitui uma genuína progressão para níveis mais elevados da condição técnica (e humana) –, que emerge inescapavelmente uma atração irresistível pelo metal entre os povos ameríndios tão logo entram em contato com estas substâncias e os artefatos delas produzidos. Fala-se, assim, da “fome do ferro” por meio da qual Rondon teria demovido a resistência dos Nambikwara à penetração em seu território (Ribeiro, 1958, p. 27), do “desejado ferro” (Wittmann, 2007, p. 37-40) ou dos “cobiçados instrumentos de ferro” (Melatti, 1976, p. 85), todos ativamente procurados pelos povos indígenas tão logo conhecem esses artefatos, ou mesmo seus efeitos, como teria acontecido com os Kepkiriwat, em Rondônia, ao se depararem com arbustos cortados a golpes de facão, algo que “devia representar alguma coisa de extraordinário, capaz de aguçar vivamente sua curiosidade” (Ribeiro, 1958, p. 27).

Narrativas dos Paiter-Suruí contam como as pessoas “enlouqueceram” com os novos objetos, especialmente os facões (Pappiani; Lacerda, 2016, p. 93), e relatos falam dos Kaingang trocando mulheres por pedaços de ferro para fabricarem pontas de flecha (Mabilde, 1983); outros testemunhos contam dos Ofayé no então sul do Mato Grosso no princípio do século XX desfazendo cercas das fazendas que invadiam seu território para utilizar o arame, laminando-o, na fabricação das pontas de suas setas (Ribeiro, citado e Esselin, 2011, p. 194-195). Estes movimentos iniciais conduzem paulatinamente à substituição da cerâmica por painéis de alumínio, da pedra dos machados pelos similares metálicos e, em alguns casos, das pontas de flecha em madeira, bambu e osso pela agência

---

<sup>4</sup> Um depoimento coletado na web por Amanda Villa Pereira (2018, p. 42) fala desse “salto tecnológico” ocorrido, conforme a visão popular, entre povos isolados que adotam ferramentas de metal: “Enquanto há 500 anos os europeus já dominavam o aço e faziam grandes embarcações, esses aí ainda ficam correndo pelado com arco e flecha. Evolução 0 em 500 anos!”.

mortífera das lâminas de metal produzidas pelos próprios grupos indígenas. Aliás, um dos mais comuns procedimentos historicamente usados desde o período colonial (cf. Henrique, 2017) por sertanistas e indigenistas para a chamada “atração” de grupos indígenas avessos ao contato era a disposição de instrumentos de metal – “presentes” ou “brindes” – nas zonas de perambulação desses grupos: panelas, facas, machados e terçados exerceriam uma espécie de atração inescapável sobre os indígenas, como imãs – aliás, metáfora em que o ferro resta muito bem empregado.

Um arraigado senso comum (e mesmo muitos estudos acadêmicos) sobre o que usualmente se denomina cultura material entre povos indígenas nas terras baixas sul-americanas alcançados pela conquista costumam sugerir uma rápida e por vezes quase completa substituição de vários objetos nativos produzidos a partir de matérias-primas de origem animal, vegetal ou mineral por instrumentos feitos de metal como ferro, aço e outros. Essa substituição geralmente se explica pela *eficácia* – o metal seria tecnicamente superior, mais durável, resistente e muito mais eficiente do que outros materiais na execução das mesmas tarefas ou de tarefas análogas, com economia de esforço e tempo – e pela *abundância* – o metal, em suas variadas formas (panelas, pregos, latas, facas, terçados, enxadas, limas, anzóis, agulhas e outros), barato e produzido em massa pela indústria ocidental, levaria os artefatos indígenas à obsolescência, dada sua ubiquidade, preço baixo e acesso relativamente fácil. Não obstante, uma pesquisa dedicada aos detalhes desses processos de “substituição” de objetos de confecção indígena demonstra que podem ser muito mais complexos e menos unidirecionais do que o cenário em que o metal se impõe ou é imposto como materialidade dominante por conta de sua excelência ímpar.

A partir dos meus dados sobre as flechas Karitiana, este artigo pretende discutir alguns dos determinantes que parecem estar envolvidos nas escolhas entre o recém-chegado metal, de um lado, e matérias-primas locais ou tradicionais, oriundas de fontes animais, vegetais ou líticas, de outro, para a fabricação de armas. Meus dados sugerem que diferentes materiais usados na confecção das pontas de flechas funcionam de distintas maneiras na tarefa de abater presas de caça. Nesse sentido, mais do que substituir prontamente as matérias-primas tradicionalmente empregadas, o metal torna-se mais um elemento no interior do conjunto disponível para seleção e uso baseados em critérios variados, nos quais a avaliação da eficácia e da abundância seguem diretrizes singulares.

Nestas, o metal não aparece, de partida, como o material mais desejado, utilizado ou considerado mais valioso; antes, é o contrário que parece acontecer, pois as armas tradicionais permanecem como aquelas tidas como mais mortíferas e, portanto, mais eficientes. O que fazem os Karitiana é precisamente relativizar nossa crença na indispensabilidade e infalibilidade dos metais e em sua intrínseca qualidade no que se refere à fabricação de armas. O metal, destarte, seria muito mais eficiente para cortar, perfurar e, por fim, matar, do que pedras, ossos, madeira, bambus e outros materiais orgânicos e inorgânicos; os Karitiana, todavia, não necessariamente concordam com esta afirmação.

### **As flechas Karitiana**

Os Karitiana, falantes de uma língua da família Tupi-Arikém, constituem um grupo de cerca de 500 indivíduos que habitam hoje em dia sete aldeias localizadas no norte do estado de Rondônia, distribuídas pelos municípios de Porto Velho e Candeias do Jamari. Os primeiros contatos dos Karitiana com os não indígenas devem ter ocorrido a partir de meados do século XIX, quando seu território tradicional, nas porções médias e baixas das bacias dos rios Candeias, Jamari e Branco, começou a ser ocupado sobretudo por seringueiros e caucheiros de origem boliviana. Desde então, o grupo veio se deslocando em direção ao oeste, cruzando o Candeias e estabelecendo-se às margens do alto rio das Garças, onde foram contactados oficialmente pela FUNAI entre 1967 e 1969, finalmente estabelecendo-se nesta região, que foi demarcada como Terra Indígena Karitiana em 1978, homologada em 1986. Não obstante, os Karitiana seguem reivindicando, agora por mais de 40 anos, o reconhecimento da margem direita do rio Candeias e seus tributários como seu território tradicionalmente ocupado, embora providências nesse sentido tenham cessado em 2011 e, desde então, a área permaneça ocupada sobretudo por grandes fazendas (Vander Velden, 2012, p. 46-60).

Já escrevi um tanto sobre as flechas Karitiana, e remeto o/a leitor(a) a estes trabalhos anteriores (ver Vander Velden, 2011a, 2020, 2022a). Aqui, portanto, vou limitar-me a uma exposição algo sumária, com o propósito de entender, adiante, como o metal foi incorporado ao conjunto de matérias-primas disponíveis para a confecção de pontas de flecha sem que tenha sido tomado como material de qualidade e características necessariamente superiores ou mais avançadas. Dito isso, recordo que os Karitiana

reconhecem vários tipos de flechas, duas delas sendo as mais importantes na atividades cinegéticas. As *ndapisỹ*, chamadas “flechas-macho” (por causa da ponta em fisga, que chamam de “gancho”, *epikiỹo*, e “que agarra” na carne do animal), são aquelas providas de pontas de osso ou metal dispostas de modo a formar uma farpa ou fisga, e por isso apropriadas para a pesca e a caça de aves, macacos e pequenos mamíferos terrestres. Antigamente essas pontas de flecha eram feitas sobretudo com ossos dos braços dos macacos-pretos (nome que os Karitiana dão aos comumente chamados macacos-aranha, primatas do gênero *Ateles*; na língua indígena, *orõm*), pois são duros e podem ser trabalhados para formar pontas finas e afiadas.



Imagem 1: duas *ndapisỹ* Karitiana com pontas de osso e o característico “gancho” (*epikiỹo*)  
(foto do autor, 2015)

Já as flechas com grandes pontas lanceoladas de taquara (bambu), as *bokore*, denominadas “flechas-fêmea” (pois são lisas, sem fisga), são apropriadas para a caça de grande porte – “caça dura” (principalmente antas, queixadas e caititus) – e para a guerra; antigamente eram raspadas e afiadas mediante o uso de dentes de cutia e porco-do-mato. Comenta-se dessas *bokore* que elas são *bypan pita*, “flecha (arma) de verdade”. Essas flechas de ponta de taquara os Karitiana comparam, por sua letalidade, às armas de fogo

e às facas de metal – “É como facada, como bala de índio”. Isso nos interessará na sequência.



Imagem 2: duas *bokore*, as flechas de pontas lanceoladas feitas de taquara (*bokore*)  
(foto do autor, 2015)

Pode-se dizer que as *bokore*, providas de pontas de taquara, são as flechas Karitiana por excelência. Um mito (discutido em Vander Velden, 2011a, p. 240-244) narra como existe um vínculo estreito entre a taquara e as serpentes, já que estas tiveram origem em uma faca de taquara envenenada com sangue menstrual e puerperal feminino e enterrada só com a pontinha de fora por um homem (que alguns dizem ser um não Karitiana, “outro índio”, *opok pita*) chamado Borobo: desta emergem todas as serpentes, e, em certo sentido, as flechas *bokore* são cobras perigosamente venenosas e, por isso, mortais; a própria forma das pontas lanceoladas remete à cabeça das serpentes, “bem compridinha e apontada”. Esta afinidade entre as *bokore* e as cobras faz, inclusive, com que seja perigoso levá-las para o mato: ou seja, com elas deve-se agir com toda cautela. Voltaremos a isso.

## Os Karitiana e o metal

Ao contrário do que se verifica em muitas narrativas que contam a chegada dos instrumentos de metal entre povos indígenas, e que destacam o intenso desejo por possuir esses objetos – machados, terçados, facas e outros – e o deslumbramento causado por suas características como a durabilidade, a capacidade de corte e o brilho, e mesmo seu cheiro (cf. Albert, 1992), os Karitiana não parecem muito entusiasmados ao contar a história da origem do metal entre eles – na verdade, eles dizem que “o ferro não tem história”, modo como se expressam para tudo aquilo (como os animais domesticados exóticos, por exemplo) que apareceu com a chegada dos “brancos” (*opok*) e, portanto, não participa das verdadeiras histórias do “tempo antigamente”, e que a antropologia denomina habitualmente de mitos.

Para começar, todos os objetos de metal são ditos ser, indistintamente, de “ferro” (*taĵ*); todos os metais e artefatos metálicos são referidos como “ferro”. Minha hipótese é que *taĵ* originalmente significava “faca, instrumento cortante” (assim, *bokore taĵ*, “faca de taquara”), dos quais havia outros tipos além daquelas feitas de taquara, como bicos de tucano ou garras de onça deixados sob o sol para endurecerem e depois empregados para cortar. Mas o termo passou a designar o ferro e os aparatos de metal em geral porque os primeiros objetos metálicos que os Karitiana receberam foram terçados (*opoko taĵ*, “faca dos brancos”), a partir dos quais produziram facas menores para uso pessoal. Os Karitiana dizem que quando conheceram as “facas dos brancos” observaram que pareciam *bokore*.

O que tenho de histórias do aparecimento do ferro e artefatos metálicos entre os Karitiana são quase todas de cunho genérico e muito pouco desenvolvidas. As narrativas recolhidas por Liliam Moser ainda nos anos de 1990 até mencionam os Karitiana trocando produtos da floresta (caucho, sorva e copaíba) por “roupa, faca, facão e enxada, machado, tudo isso, farinha, açúcar” (Moser, 1993, p. 152), mas são unânimes em afirmar o enorme interesse do grupo recém-contatado pelos alimentos dos não indígenas, e principalmente pelo sal (Moser, 1993, *passim*). Não registrei, por exemplo, narrativas – relativamente comuns em várias outras sociedades de contato relativamente recente, como os Paiter-Suruí (Pappiani; Lacerda, 2016, p. 64) – de ataques às vezes violentos aos não indígenas para roubar terçados, facas, machados e outras ferramentas de metal. Quase sempre se afirma apenas que os Karitiana conheceram o ferro com os brancos. Um pouco mais de



detalhes foram fornecidos pelo pajé e cacique Cizino, em várias entrevistas realizadas em setembro de 2023

Tempo os Karitiana procuraram Vicente, no Pedral. Foi lá. Buscar miçanga. Chegaram no Pedral, tem pessoal diferente lá. Esses têm ferro, facão, espingarda, enxada, tudo ferro. Quando chegaram lá estava espocando, atirando, aí Karitiana acabou. Era como metralhadora. Aí sobrou só dois Karitiana, e nunca mais foram lá. Foram atrás de miçanga, iam até lá escondidos para conhecer coisas diferentes. Meu avô dele, João Capitão, trouxe ferro pela primeira vez.

“Foi marreteiro primeiro que deu ferramenta para os Karitiana”, completa Cizino, atribuindo o aparecimento do metal aos comerciantes itinerantes que percorriam os rios desta porção da Amazônia desde fins do século XIX. Cizino destaca, ainda (o que faz com bastante frequência), o protagonismo de seu avô, João Capitão (*Taty*), como o primeiro líder a receber os objetos metálicos dos não indígenas. Em outra ocasião, anos antes, o mesmo Cizino havia destacado o papel dos seringueiros que se espalhavam pelo território Karitiana desde o final do século XIX (mencionando nominalmente dois deles, seu homônimo Cizino e Gaspar, “seringueiro bom”), afirmando que estes davam “tudo para os índios: facão, enxada, panela, panelinha bonita”.

Uma história um pouco divergente nos detalhes, mas semelhante no geral, foi por mim registrada com Valter em agosto do mesmo ano:

Tempo antigo tem Py’ojyto, homem que trabalha no espírito, pajé, como Cizino. Pessoal branco capturou e levou a mulher dele para seringal. Levou duas mulheres, mulher de Py’ojyto e mulher de outro homem. Aí Py’ojyto foi onde tem seringueiro junto com esse homem, mas os brancos mataram. Por isso Py’ojyto encontrou pessoal branco. Aí os brancos amarraram pelo braço Py’ojyto e as duas mulheres e levou eles lá para seringal, onde tem cidadezinha assim. Lá Py’ojyto ficou e aprendeu um pouco português. Aí Py’ojyto falou que queria ir para a aldeia, e o branco deu para ele terçado, machado, rede, muita coisa. Aí ele voltou para a aldeia com mulher dele, e muito terçado nas costas. Na aldeia Py’ojyto foi cortando pedaço de terçado [Valter mede mais ou menos uns 6-7 cm com as mãos] e dividindo facão, e dando para as pessoas, não deu para todo mundo. Pessoal usava pedacinho de ferro para raspar paxiúba para fazer arco e taquara para fazer flecha; colocava cabinho no pedaço de ferro, amolava ferro em pedra grande, como lima, esmeril, usando pedaço de terçado. Faquinha servia para tudo, o pessoal gostava muito, guardava na sacola. Quando acabava tinha que buscar mais com o branco. Aí chefão, não tem chefão? Mahipto, Poroj, foi buscar mais terçado. Foram lá nos brancos, branco deu panela, cobertor, mas pessoal pegou gripe e na volta para a aldeia morreu muita gente, só metade chegou na aldeia. Aí mudaram da aldeia, pois quando pega doença e morre gente pessoal anda, vai embora; se ficam no mesmo lugar a doença se instala.

Valter atesta, assim, a prática de tomar os terçados que recebiam dos brancos, arrancar os cabos e quebrá-los em vários pedaços para serem distribuídos entre todos. Ele complementa a informação dizendo que, com esses pedaços de ferro, os Karitiana também confeccionavam pontas de flecha. Cizino, agora falando sobre seu pai, Antonio Morais, asseverou-me que dos machados recebidos também fabricavam pontas de flecha:

“batia um machado de ferro no outro, depois amolava na pedra, fazia ponta de flecha de machado”.

Os testemunhos desses dois homens Karitiana concordam em observar que, nesta época do aparecimento do ferro, os Karitiana ainda andavam nus, embora já se vestissem na presença de não índios. Se tomarmos a atuação de João Capitão como o primeiro a receber o metal entre os Karitiana, podemos especular que estamos falando do período da virada do século XIX para o século XX. Um pouco antes disso, conforme destacou Epitácio, com quem conversei em 2011, “*não tinha branco ainda. Não tem machado [de metal], só pedra, flecha. Isso foi há muito tempo*”.

Mas se o ferro dos terçados quebrados e adaptados pelos Karitiana na forma de “faquinhas” parece ter substituído com alguma celeridade as antigas facas de taquara – tanto que o termo *taĩ*, cujo sentido original é faca, passou a designar o próprio ferro<sup>5</sup> –, com as pontas de flecha as coisas não aconteceram de modo tão direto. Isso parece ter se passado com diferentes objetos industrializados entregues pelos não indígenas aos Karitiana, pois os relatos são unânimes em afirmar que quase tudo era descartado ou queimado, e dos artefatos de metal dizem que, como “os índios não sabiam de nada”, logo estragavam as peças e “jogavam tudo no mato”. E aqui trata-se de retomar a importante distinção entre os dois tipos de flechas mencionados acima.

Os Karitiana parecem ter rapidamente adotado o metal para a fabricação das *ndapisỹ*, substituindo os ossos de macacos-pretos e outros materiais por fragmentos de terçados e machados (hoje utilizando sobretudo pregos) laboriosamente batidos e amolados até serem transformados em lâminas afiadas, geralmente providas de um gancho. Essas flechas (*taĩ bypan*, “arma/flecha de metal”<sup>6</sup>) continuaram sendo empregadas na caça dos “animais do alto” (primatas e aves) e de pequenos mamíferos terrestres, além da pesca.

---

<sup>5</sup> No caso dos machados, os instrumentos feitos de metal parecem ter sido absorvidos como algo distinto dos tradicionais machados de pedra, o que pode ser verificado pela denominação desses novos objetos metálicos (*taĩ obma*, que pode ser traduzido como “metal com furo ou buraco no meio”), totalmente independente do termo empregado para os machados líticos (*hikyndyt*), que caíram em desuso; isso pode indicar que, neste caso, é nossa interpretação que associa ambos, pedra e metal encabados, à categoria “machado”.

<sup>6</sup> O termo Karitiana *bypan* deve ser traduzido genericamente como “arma”, pois designa arcos, flechas e mesmo armas de fogo introduzidas pós-contato. A expressão *taĩ bypan* também pode ser traduzida como “pessoa armada com faca”.



Imagem 3: uma *ndapisỹ* Karitiana com ponta de metal em “gancho” (*epikiỹo*)  
(foto do autor, 2015)

Para esta última atividade, a pesca, os Karitiana também fabricam, sobretudo a partir de pregos, flechas com pontas duplas ou triplas, chamadas *ỹoỹ ha*, também caracterizadas pela presença de ganchos; essas flechas com mais de uma ponta de metal utilizadas nas pescarias também são denominadas *taj ndapisỹnga*.



Imagem 4: Flecha de duas pontas de metal, chamada *ỹoỹ ha*, fabricada por Meireles Karitiana a partir de pregos, “para matar peixe e nambu” (aves dos gêneros *Crypturellus* e *Tinamus*)  
(foto do autor, 2023)

Zagaias – longas lanças de madeira utilizadas também na pesca – igualmente passaram a ter pontas duplas de metal. Elas também são chamadas de *jõj ha* e, de fato, não parece haver, ao contrário do que ocorre com os machados<sup>7</sup>, uma distinção entre a arma empregada como flecha (atirada com uso do arco) ou como lança (atirada com a força dos braços). O nome dessas armas deriva de *jõj*, “dente”, pois se diz que “ferro é o dente delas”; diz-se que igualmente as facas, especialmente quando bem afiadas, que o metal é seu dente. De certo modo, assim, essas armas “mordem” suas presas, seja nos ambientes terrestres, seja nas águas.

Mas com as *bokore* foi diferente, e isso está diretamente relacionado à eficácia percebida na matéria-prima da composição de suas pontas. De fato, *bokore* é o termo que designa “taquara” e, por sinédoque, essas flechas. Mas por que razão os Karitiana não substituíram as pontas lanceoladas de bambu pelas pontas de metal, que podem ser trabalhadas de modo a produzir grandes choupas de ferro ou aço extremamente afiadas e letais, como fizeram, por exemplo, os Avá-Canoeiro (Pedroso, 1994, p. 75, 110), os Urubu-Kaapor (Balée, 1994, p. 57), os Waimiri-Atroari (Beltrão, 1977, p. 258), os Kaingang (Lane, 1959) e os Xokleng (Henry, 1964, p. 167-169), entre outros grupos, em suas flechas empregadas para caça de grande porte e para a guerra? Por que os Karitiana, ao que parece, não “evoluíram”, por assim dizer, da fragilidade e da perecibilidade da taquara para a dureza e a durabilidade do metal, além disso putativamente muito mais mortal?

O motivo, dizem os Karitiana, é que a taquara tem veneno. Há alguma controvérsia quanto ao uso de venenos vegetais nas pontas de *bokore* (e também nas *ndapisỹ* com pontas de osso): alguns afirmam que eram empregados os sumos de certas plantas, como *bypan o'tidimo* (extraído de um pequeno arbusto encontrado na floresta, cujas raspas da casca esfregadas na ponta das flechas tornavam-nas enegrecidas), *tepy kedna* (um tipo de cipó) e *ojotong se* (extraído da árvore tauari, *Couratari spp.*), para aumentar a letalidade das flechas depois que estas eram secas ao sol; diz-se que eram “veneno de caça, veneno forte, se trisca [toca, fere] animal ele morre”. Também são mencionadas antigas práticas de esfregar, nas pontas das flechas para envenená-las (ou seja, torná-las amargas, *tapo*), pimenta e o veneno mesmo das serpentes, que Epitácio diz fazer com que as flechas “fica[vam] muito venenosa[s]”; o veneno podia ser, ainda,

---

<sup>7</sup> Ver nota 2, acima.

esfregado nas mãos do caçador, deixando as flechas “duras”. Já a pimenta (*soj*) deixa as flechas “quentes”, no sentido de que causam muita dor ao atingirem seu alvo: *bypan oti*, “flecha [arma] quente”, onde *oti*, termo para “doença”, traduz-se, aqui, como “que dói muito, que causa muita dor”.

A maioria dos Karitiana, entretanto, concorda que a própria taquara é envenenada, dispensando o uso de substâncias adicionais. E daí decorre sua extrema e letal eficácia. Isso porque, dizem, a taquara “gosta de sangue”: “se corta pouquinho sangue sai igual torneira”. Diz-se das flechas *bokore* que elas “comem” a carne dos animais quando atingidos, levando-os a uma morte rápida: essas flechas podem ser, inclusive, alimentadas regularmente com o sangue de animais mortos, especialmente de porcos-do-mato, que é esfregado nas lâminas de taquara (cf. Vander Velden, 2011a). Elas são ainda, como já observei, consideradas extremamente venenosas: “igual cobra, só de triscar [isto é, arranhar levemente] já mata caça”. E o efeito está diretamente ligado, assim, ao encontro entre o corpo da presa e a ponta das flechas, entre a carne e a taquara: esta, envenenada, ao penetrar a pele do animal produz uma intensa hemorragia interna, dentro do corpo; diz-se que elas fazem o sangue escorrer para dentro, matando rapidamente a presa. Isso porque, complementam, a taquara é “fermentada”: ou seja, ela tem “camadinhas” ou “poros” que concentram o veneno, “seguram” o veneno e, por esta razão, são tão mortalmente eficazes; dizem os Karitiana que os ossos de animais utilizados nas flechas *ndapisỹ* comportam-se de idêntico modo.

O metal, o ferro, é incapaz, segundo os Karitiana, de adquirir veneno: o ferro “não pega veneno, não segura veneno, não concentra veneno”; se for embebido em veneno, “sai tudo”, pois o ferro “não tem poros”. Tampouco o metal é naturalmente envenenado como é a taquara. Por isso, “não faz hemorragia”, pois o ferro “não tem preparação” (ou seja, o que poderíamos chamar de uma “química” no sentido popular do termo) e, assim, “não tem efeito como *bokore*”. Diz-se que o ferro é “lavável” e, desta maneira, quando ele penetra o corpo da presa animal, um eventual veneno aplicado à ponta da flecha é rapidamente lavado e tem seu potencial efeito anulado<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> O que não significa dizer que o metal carece de agência; diz-se que quando alguém se corta com um terçado, deve-se limpar o sangue com pano e levar este pano para o mato, nele colocando “remédio” (várias folhas e raspas de cascas de árvores, como *gopatoma*, *eparaka’ep* e *gopihok*) para que a pessoa não volte a se machucar ou a se cortar, isto é: “para o terçado não ficar bravo com a gente”. Usualmente faz-se um talho no tronco da árvore *eparake’ep* e coloca-se ali o pano ensanguentado, pedindo-se para que não aconteçam novos ferimentos.

É por isso que “flecha de ferro não mata anta”: sem veneno, a anta corre; os Karitiana afirmam que se uma anta ou qualquer outro animal de grande porte for atingido por flechas com pontas metálicas, eles correm, não morrem; o ferro, com seus dentes (ver acima) pode morder, mas matar é a especialidade da taquara. Na verdade, aqui também há certa discordância, pois outros afirmam que a flecha de ferro mata suas presas, mas somente de forma lenta: o ferro “demora a matar”, “mata devagar”, dando tempo, assim, para que o animal possa fugir do caçador, escapar e, então, morrer sem que a carcaça possa ser recuperada. A diferença entre matar rapidamente (como faz a taquara) e ferir e não matar ou demorar a matar (como acontece com as pontas de metal) é crucial, em função daquilo que se convencionou denominar de “ética da caça ou do caçador” bastante difundida nos mundos ameríndios: os animais devem ser abatidos rapidamente, e nunca devem ser feridos e deixados escapar, sob risco de prejudicar a eficácia dos caçadores (cf. Vander Velden, 2022b). As venenosas *bokore* de taquara cumprem este ideal com maestria; o ferro, que tão somente fere e mata devagar, não logra obter a mesma eficácia.

Vê-se, desta forma, uma incorporação seletiva dos materiais metálicos, que o senso comum entende como a exercer pressão quase imediata pela substituição das matérias-primas vegetais, animais ou líticas tradicionalmente empregadas pelos povos indígenas. Os Karitiana tomaram o ferro para produzir suas facas, e incorporaram terçados e machados de metal ao seu sistema de objetos; também passaram a trabalhar fragmentos metálicos para compor suas pontas de flechas empregadas na pesca e na caça de aves e pequenos mamíferos. Recusaram, contudo, o metal para suas setas de ponta lanceolada usadas para o abate de animais de grande porte, porque estas nunca alcançaram a eficácia mortal da taquara, venenosa em si mesma e dona do poder letal das serpentes; estudos em outras partes da América do Sul sugerem que plantas (bambus) foram preferidos na fabricação de pontas de setas do que pedras (Marsh et al. 2023, p. 25). Aqui, então, o vegetal superou o metal (e, antes, o lítico), porque suas propriedades permitem aos homens cumprirem à risca o modo de tratamento adequado para com os animais de presa.

## Uma estética do ferro

Os Karitiana mencionam que o “primeiro metal” que conheceram foi a pedra, especialmente as mãos de pilão de pedra características dos Karitiana (*pydakapa*, ver Vander Velden, 2018) e as pedras empregadas para amolar instrumentos cortantes (*iso*), depois (e ainda hoje) utilizadas também na afiação de terçados, facas, enxadas e outras ferramentas. Claunilson, por exemplo, observa que “não tinha ferro antes, usava pedra para fazer os materiais; o primeiro contato com ferro surgiu através dos caciques do povo Karitiana”. Trata-se, neste caso, da associação entre a dureza das pedras e aquela dos metais, uma associação, inclusive, que aparece em outra “história do tempo (de antigamente”, numa curiosa passagem de uma história geralmente chamada de “história do incesto de *Byyyjty*, sendo este o neto de Deus (*Botyĵ*) que permaneceu na Terra e foi o responsável pela criação tanto dos Karitiana como dos não indígenas (*opok*), além de ser associado à Jesus Cristo (seu nome traduz-se literalmente por “chefe grande, chefão”). Conta o mito que os “índios bravos” (*opok pita*, “outros povos indígenas não Karitiana”) queriam matar *Byyyjty*, mas este escapava da perseguição graças a seus poderes de transformação, que o permitem alterar sua forma sucessivamente até que

ai *Byyyjty* foi se transformando e só escapando dos outros índios; fez subir um olho de palmeira babaçu, escondeu-se e escapou de um cupinzeiro como um [transformado em] calango, depois virou veado-capoeira e fugiu, até que se escondeu dentro de uma pedra, como um [parecido com] cupinzeiro, e ficou lá dentro trabalhando, fazendo **munição**. Ai os índios acharam ele: “ta lá, flecha ele, vamos matar ele!” Ai os índios jogaram flechas, mas não acertam: é duro, a pedra. E *Byyyjty* tem oração que seu avô, *Botyĵ*, deu para ele, que é para ele não ser ferido. Ai o índio pegou um pau, bateu muito na pedra, estragou o pau, e nada. E *Byyyjty* estava lá, trabalhando. Ai índio resolveu fazer fogo, mas ai a **munição explodiu, a munição voou para todo lado, como matraca, metralhadora**, e matou todos os índios. Ai *Byyyjty* foi para o céu ficar junto de *Botyĵ* (meus negritos).

Esta associação entre o metal e as armas consolida-se, claro, com o aparecimento das armas de fogo dos não indígenas, que os Karitiana chamam de *opok bypan*, “armas dos brancos”. Mas, se as armas de fogo feitas majoritariamente de metal manifestam-se, no mito, como instrumentos de guerra, por que os Karitiana não passaram a empregar o ferro na confecção das *bokore*, as flechas justamente aquelas usadas para matar inimigos? Penso que a resposta é a mesma que explica a dispensa do metal para a confecção das *bokore* usadas na caça, mesmo porque os “outros índios”, os inimigos, “não eram gente” e, assim sendo, eram eles também caçados (cf. Vander Velden, 2011b). Mas há algo mudando neste conjunto de relações.

É preciso dizer que os Karitiana já não empregam mais flechas na caça de mamíferos e aves, tendo sido substituídas pelas armas de fogo. Arcos e flechas hoje são eventualmente utilizados apenas nas pescarias, e a maioria dos mais jovens sequer sabe usar estas armas. Atualmente as flechas e arcos são produzidos somente para o comércio (peças menores) e para o que poderíamos chamar de exibição: trata-se de armas que alguns homens carregam quando os Karitiana se manifestam publicamente, seja em eventos culturais, seja em protestos políticos motivados por variadas razões. Nestas ocasiões, é comum que arcos e maços de flechas apareçam, como forma de marcar a “indianidade” dos Karitiana aos olhos da população de Porto Velho e de outras cidades.

Nesse contexto, finalmente, uma *bokore* de metal se torna possível, como a que vi com Cizino na aldeia do Rio Candeias em setembro de 2023.



Imagem 5: *bokore* com ponta metálica (*taj bokoredna*) fabricada por Cizino Karitiana a partir de pedaço de carrinho de mão (foto do autor, 2023)

Cizino fabricou esta *taj bokoredna* (“*bokore* feita de ferro”) a partir de um fragmento de um velho carrinho de mão abandonado na aldeia. Ele diz que essa é uma flecha para matar “caça grande”, e que, com ela, “caça não corre, não!” – ou seja, morre rapidamente, sem se distanciar do caçador e se perder na floresta. Ela, assim, funciona, segundo Cizino, claramente como as flechas de ponta de taquara, mesmo que o ferro não tenha e não possa ter veneno. A questão, de fato, e que esta flecha é uma novidade: embora Roberto tenha me afirmado que “desde que o branco existiu [ou seja, desde que os não indígenas apareceram entre os Karitiana] se fez esta flecha”, esta informação é contradita



por todos os demais homens com quem conversei, para quem a produção de *bokore* de ferro não faria sentido, já que as flechas de taquara são muito mais mortais. Esta flecha de ferro, assim, tem uma outra função.

Parece-me, agora, que o ferro se valoriza por seus, digamos, atributos estéticos. Talvez seja interessante, portanto, levar em conta atributos estéticos dos metais comuns como o ferro e o aço (e não apenas daqueles preciosos) – tais como seu brilho, seu cheiro e mesmo o impacto imagético dessas armas – para avaliar sua recepção e adoção, para além de sua suposta eficácia superior, mesmo em se tratando de instrumentos de guerra. Nestes casos, o metal seria adotado não porque é mais eficiente, mais durável, mais resistente, mais barato, mais mortífero ou mais facilmente acessível, mas simplesmente porque é mais bonito, ou mais atraente do ponto de vista de constituir uma imagem politicamente impactante. Nicholas Saunders (1998, 1999, 2003) sugere que o brilho – o que ele chama de *aesthetic of brilliance* ou de *metaphysics of light* – constitui-se em signo importante da potência xamânica, divina, espiritual ou sobrenatural de certos objetos, seres e fenômenos em muitas cosmologias indígenas na América do Sul e Caribe. Tal valor simultaneamente estético e sociopolítico do brilho e da luz explicaria, ao menos em parte, o apelo dos objetos brilhantes, resplandcentes, translúcidos, deslumbrantemente coloridos ou iridescentes – *objects of light* – de fabricação nativa (como madeiras polidas, conchas e certas pedras) ou trazidos pelos conquistadores europeus, como aqueles feitos de vidro, de porcelana e, principalmente, de metal (em machados, facões, painéis e mesmo quinquilharias como tesouras, sininhos, agulhas e pregos); mesmo atributos sensíveis dos metais, como seus cheiros e gostos singulares, teriam sido apreciados por vários povos ameríndios, muito além de sua (suposta) eficiência técnica superior e seus fins puramente utilitários ou instrumentais.

Essa sugestão permitiria repensar certos casos etnográficos ou relatos históricos intrigantes como, por exemplo, o hábito dos homens Borum (Botocudo) no leste do país de portarem pendurados no pescoço os terçados ou facas que recebiam ou capturavam dos não indígenas (Paraíso, 2014, *passim*). Podemos, deste modo, relativizar a ideia de que o ápice civilizacional encontra-se na metalurgia e na inerente superioridade técnica dos metais. Mais do que a apreciação e o louvor das supostas qualidades e utilidades superiores dos metais, que pode ser relativa, o metal pode ser apreciado por suas qualidades estéticas ou sensoriais. Os bens de luxo (*luxuries*) que Hugh-Jones (1992)

sugere chamarem tanto a atenção dos povos indígenas quando conhecem as mercadorias dos brancos podem ser tão atraentes, afinal, não só pela putativa eficiência ou pela raridade, mas também por sua beleza. Destarte, hoje os Karitiana estão a produzir choupas de metal porque são bonitas e porque metem medo nos brancos – suas qualidades estéticas estando em relevo; antes, não as faziam, porque, como vimos, suas pontas de taquaras eram muito mais eficientes e mortíferas para as atividades cinegéticas e guerreiras que mais importavam.

### **Considerações finais**

Nossa dependência dos metais e nossa confiança em sua durabilidade, eficiência, resistência e versatilidade, além da sua imensa reprodutibilidade pela mineração intensiva e pelas instalações industriais modernas, faz-nos acreditar que essas matérias-primas e os artefatos com elas produzidos se tornam inerentemente desejáveis e quase imediatamente adotados tão logo povos que não dispõem da metalurgia lhes são apresentados. Além disso, o metal é sempre um índice de avanço tecnológico, dado “o poder de produzirem tão profunda e radical modificação nos seus [dos povos indígenas] hábitos seculares, como essa que resulta da substituição dos instrumentos de pedra pelos de ferro” (Rondon, 1916, p. 150). A chegada do metal aponta, ademais, para a saída final do isolamento, pois a presença de ferramentas metálicas entre povos voluntariamente isolados é entendida como oposta à ausência de contato: se um grupo indígena dispõe de ferramentas de metal é porque estas pessoas não são mais, ou não são propriamente, isolados (Pereira, 2018, p. 41-42).

Em sua análise a recusa dos Mashco no leste do Peru em adotar machados de metal, conservando a confecção e uso de tradicionais machados de pedra, Peter Gow (2011) sugere que a grande quantidade de ferramentas metálicas trazidas para sua região com a economia da borracha fez com que os instrumentos de pedra, dos quais os Mashco eram exímios produtores e principais fornecedores em uma complexa rede de trocas, perdessem sua utilidade para os povos na mesma região. Estes, então, passaram a recusar as trocas com os Mashco que, por seu turno, isolaram-se voluntariamente, recusando-se inclusive a trocar ou saquear as ferramentas de metal de seus vizinhos indígenas e não indígenas. Gow, desta forma, dá um “sentido amazônico” à recusa do metal pelos Mashco, traduzida em termos de uma rejeição mais geral pelas relações de troca. E, ainda que não

discuta este ponto, o autor indica que a questão da eficácia e da atração devem necessariamente ser relativizadas: todos os povos na mesma área adotaram muito velozmente os machados de metal, com exceção dos Mashco, que não buscaram esses objetos e parecem realmente não depender deles.

Os Karitiana, embora tenham adotado o metal de forma rápida, igualmente relativizaram sua eficácia<sup>9</sup>. Assim, embora a interação mortífera entre os corpos vivos e instrumentos pérfuro-cortantes tenha, para nós, uma mesma dinâmica, entre os Karitiana o ferro e a taquara agem de modos distintos quando encontram a carne, mostrando que estas não são modos naturais ou dados de interação entre o vivente e os materiais, mas que possuem histórias e singularidades culturalmente mediadas (cf. Sennet, 2016). Com isso, os Karitiana adotaram apenas seletivamente o ferro que lhes foi ofertado: para facas e machados, e para alguns tipos de pontas de flechas e zagaia, mas não para todos, posto que as *bokore* apontadas com taquara seguiram sendo mais mortíferas, com suas propriedades inalcançáveis pelas lâminas metálicas.

Ou seja: meu ponto aqui não trata de negar a atração exercida pelos metais e as mudanças que ele produz nas suas composições com coletivos humanos que os desconheciam. Trata-se, sim, de relativizar as razões de sua adoção ou de sua recusa, completas ou seletivas. E de sugerir que estas podem ter sido motivadas não pelo que, para nós, caracteriza os metais não preciosos – a durabilidade, a resistência, a abundância, a transformabilidade – e que faria de instrumentos e ferramentas feitas de ferro, aço e outros metais e ligas tão atrativos quanto eficientes. O metal pode ter atraído e se fixado por outras razões – estéticas, num dos casos aqui em tela – da mesma forma que foi rejeitado precisamente por sua carência de eficácia para um determinado fim – a saber, a morte de animais de presa de grande porte. Se o ferro é o “metal mais produzido do mundo” e, por isso, “é empregado na maioria dos produtos que o homem [sic] utiliza” (Alves, 2008, p. 54), ele não encontrou utilidade para matar antas entre os Karitiana.

Há um tema da poesia épica dos povos finicos (finlandeses, karelios, íngrios, estonianos e outros) no nordeste da Europa, chamado “A noiva de ouro/dourada” (*The*

---

<sup>9</sup> Acho que o mesmo fenômeno pode ser verificado no Alto Xingu, onde, ainda que as panelas e bacias de alumínio sejam objetos altamente valorizados e as mulheres as possuam em quantidade, toda casa deve obrigatoriamente ter um tacho de beiju e uma panela para cozinhar mingau feitas em cerâmica, produzidas pelos povos de língua Arawak (Waujá e Mehinaku) e indispensáveis às artes culinárias xinguanas (Vanzolini, 2015, p. 131-132, para o caso dos Aweti).

*Golden Maiden*), em que um ferreiro solteiro, solitário e triste forja para si mesmo uma noiva de metal, geralmente de ouro e prata; mas esta mulher feita de metal não presta, pois, uma humana artificial, é sempre “fria na cama” (Kouvola, 2019). O mito destaca que nem sempre o que parece melhor ou mais eficaz o é de fato; e que o metal, por mais que seja a epítome da civilização ocidental, não serve para tudo, nem é o melhor dos materiais para todas as coisas. Mesmo que seja belo, brilhante, atraente, ele não se presta a todos os propósitos e funções. Ele não serve, por exemplo, para matar antas: isso a boa e velha taquara faz de modo muito melhor.

## **Referências**

- ALVES, Nilton Pereira. **Guia dos elementos químicos**. Jacareí: Quimlab, 2008.
- BALÉE, William. **Footprints of the forest: Ka’apor ethnobotany – the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people**. New York: Columbia University Press, 1994.
- BELTRÃO, Luiz. **O índio, um mito brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BRAY, Warwick. Metallurgy and anthropology: two studies from prehispanic America. **Boletín Museo del Oro**, n. 42, p. 36-55, 1997.
- COMBÈS, Isabelle. Planchas, brazaletes y hachuelas : las rutas prehispánicas del metal andino desde el Guapay hasta el Pantanal. **Revista Andina**, n. 47, p. 53-76, 2008.
- DENEVAN, William. Machados de pedra *versus* machados de metal: a ambiguidade da agricultura de coivara na Amazônia pré-histórica. **Amazônica**, v. 2, n. 2, p. 358-370, 2010.
- DIAMOND, Jared. **Guns, germs, and steel: the fates of human societies**. New York: W. W. Norton & Company, 1999.
- ESSELIN, Paulo. **A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal sul-matogrossense – 1830-1910**. Dourados: Editora UFGD, 2011.
- GOODY, Jack. **Metals, culture and capitalism: an essay on the origins of the Modern World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- GOW, Peter. “Me deixa em paz!” Um relato etnográfico preliminar sobre o isolamento voluntário dos Mashco. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, p. 11-46, 2011.

HENRIQUE, Márcio Couto. Presente de branco: perspectiva indígena dos brindes da civilização (Amazônia, século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 75: 195-216, 2017.

HENRY, Jules. **Jungle people: a Kaingáng tribe oft he Highlands of Brazil**. New York: Vintage Books, 1964.

HUGH-JONES, Stephen. Yesterday's luxuries, tomorrow's necessities: Business and barter in northwest Amazonia. In: HUMPHREY, Caroline; HUGH-JONES, Stephen (eds.), **Barter, exchange and value: an anthropological approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 42-74.

KOUVOLA, Karolina. The artificial bride on both sides of the Gulf of Finland: The Golden Maiden in Finno-Karelian and Estonian folk poetry. In: BERTELL, Maths; FROG; WILSON, Kendra (eds.), **Contacts and networks in the Baltic Sea Region: Austmarr as a Northern mare nostrum, ca. 500-1500 AD**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019, p. 211-234.

LANE, Frederico. Arcos e flechas dos Índios Kaingáng do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, nova série, v. 11, p. 71-97, 1959.

MABILDE, Pierre F. A. Booth. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ibrasa/INL, 1983.

MARSH, Erik; LLANO, Carina; CORTEGOSO, Valeria; CASTRO, Silvina; YEBRA, Lucia. The bow and arrow in South America. **Journal of Anthropological Archaeology**, n. 69: 101471, 2023. <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2022.101471>.

MELATTI, Delvair. **Aspectos da organização social dos Kaingang paulistas**. Brasília: Departamento Geral de Planejamento Comunitário-Divisão de Estudos e Pesquisas-FUNAI, 1976.

MILLER JR., Tom. **Teoria antropológica e arqueológica: convergências e divergências**. Natal: Editora UFRN, 2019.

MOSER, Lilian. **Os Karitiana e a colonização recente de Rondônia**. 1993. Monografia (Bacharelado em História), Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 1993.

PAPPIANI, Angela; LACERDA, Inimá (orgs.). **Histórias do começo e do fim do mundo: o contato do povo Paiter Suruí**. São Paulo: Ikorê, 2016.

PARAÍSO, Maria Hilda. **O tempo da dor e do trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste**. Salvador: EDUFBA, 2014.

PEDROSO, Dulce. **O povo invisível: a história dos avá-canoeiros nos séculos XVIII e XIX**. Goiânia: UCG/Furnas Centrais Elétricas S.A., 1994.

PEREIRA, Amanda Villa. **Demarcando vestígios Definindo (o território de) indígenas em isolamento voluntário na Terra Indígena Massaco**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O indigenista Rondon**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de Outubro de 1915 pelo Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon no Theatro Phenix do Rio de Janeiro sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegraphica**. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Commercio”, de Rodrigues & C., 1916.

SAUNDERS, Nicholas. Stealers of light, traders in brilliance: Amerindian metaphysics in the mirror of conquest. **RES Anthropology and Aesthetics**, n. 33, p. 225-252, 1998.

\_\_\_\_\_. Biographies of brilliance: pearls, transformations of matter and being, c. AD 1492. **World Archaeology**, v. 31, n. 2, p. 243-257, 1999.

\_\_\_\_\_. “Catching the light”. Technologies of power and enchantment in Pre-Columbian goldworking. In: QUILTER, Jeffrey; HOOPEES, John (eds.), **Gold and power in Ancient Costa Rica, Panama, and Colombia**. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collections, 2003, p. 15-47.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

VANDER VELDEN, Felipe. As flechas perigosas: notas sobre uma perspectiva indígena da circulação mercantil de artefatos. **Revista de Antropologia**, v. 54, n.1, p. 231-267, 2011a.

\_\_\_\_\_. Banhos de sangue: relatos Karitiana de guerras, canibalismo e troféus humanos. In: CABRAL, Ana Suely Câmara; RODRIGUES, Aryon D.; LOPES, Jorge; JULIÃO, Maria Risolêta (orgs.). **Línguas e culturas Tupí - volume 3 / Línguas e culturas Macro-Jê - volume 2**. Campinas/Brasília: Editora Curt Nimuendajú/LALI-UnB, 2011b, p. 27-58.

\_\_\_\_\_. Sobre crânios achatados e pilões de pedra: algumas notas sobre a origem dos Karitiana. In: TRUBILIANO, Carlos Alexandre (org.), **Debates indígenas na contemporaneidade**. Ji-Paraná: Edinter, 2018, p. 29-55.

\_\_\_\_\_. Entre la serpiente y la arpía: apuntes para una zoología karitiana en el suroeste de la Amazonía brasileña. In: MEDRANO, Celeste; VANDER VELDEN, Felipe (orgs.), **Qué es un animal?** Buenos Aires: Asociación Civil Rumbo Sur, 2020, p. 45-61.

\_\_\_\_\_. As vespas que caçam com seus dentes: artefatos multiespécies, ritual e relações entre humanos e não humanos entre os Karitiana (Rondônia). **Mana**, v. 28, n.2, p. 1-34, 2022a.

\_\_\_\_\_. Matar sin pena: repensando la ambivalencia de la caza, el sacrificio y el consumo de carne en las Tierras Bajas de América del sur. In: BUGALLO, Lucilla; DRANSART, Penelope; PAZZARELLI, Pazzarelli (orgs.). **Animales humanos, humanos animales: relaciones y transformaciones en mundos indígenas sudamericanos**. Buenos Aires: Antropofagia, 2022b, p. 387-415.

VANZOLINI, Marina. **A flecha do ciúme: o parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu**. São Paulo: Terceiro Nome/FAPESP, 2015.

VARNHAGEN, Francisco A. de. Discurso preliminar: Os índios perante a nacionalidade brasileira. In: \_\_\_\_\_. **História geral do Brasil: isto é do seu descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e da declaração da independência e do império, escripta em presença de documentos inéditos nos arquivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Holanda, e dedicada a sua magestade imperial o senhor D. Pedro II. Tomo II**. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854.

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí /SC (1850-1926)**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.